

CARLOS GALANTE E SUAS MEMÓRIAS: ASPECTOS DA HISTÓRIA DE FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR DE MATEMÁTICA

*Maria Laura Magalhães Gomes
Universidade Federal de Minas Gerais
mlauramgomes@gmail.com*

Resumo:

Este texto aborda alguns aspectos da narrativa do professor e autor de livros didáticos de Matemática Carlos Galante (1920-2003) em suas memórias. As considerações iniciais focalizam a potencialidade dos escritos autorreferenciais e literários como fonte de pesquisa de dimensões históricas da educação e particularmente da educação matemática. Em seguida, apresentam-se dados biográficos do memorialista. A seção subsequente traz uma breve discussão dos principais fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa, considerando a questão da subjetividade do autor e do leitor de memórias, os cuidados quanto ao uso das fontes autobiográficas, a atenção que se deve conferir às intenções e características dos textos. A parte central do trabalho comenta a narrativa de Carlos Galante no que se refere a sua formação familiar e escolar até o ingresso no curso superior de Matemática. As lembranças do autor aqui abordadas enfatizam suas descrições de docentes e práticas, acentuando o que concerne aos professores de Matemática.

Palavras-chave: Carlos Galante; memórias; história da educação matemática.

1. Introdução

As pesquisas em História da Educação, que têm convergido em relação às tendências historiográficas das últimas décadas, vêm investindo de maneira expressiva em fontes literárias e autobiográficas. Esse movimento é parte integrante do campo da História Cultural, no qual assumem especial importância relatos narrativos, estruturados “em torno a uma trama argumentativa em que uma sequência temporal, personagem(ns) e uma situação fazem com que os enunciados tenham sentido próprio no contexto do argumento” (GARNICA, 2015, p. 182-183). Pesavento (2012, p. 57) comenta a relevância adquirida pelas sensibilidades – “as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de tradução da realidade por meio das emoções e dos sentidos”. É nesse cenário que cresce a consideração a vestígios do passado aos quais pouca atenção tinha sido dada anteriormente pelos pesquisadores, e que tem se configurado uma valorização particular do indivíduo, da subjetividade, das histórias de vida. As narrativas autobiográficas ou a chamada escrita de si, na forma de textos redigidos na primeira pessoa do singular ou de depoimentos orais transcritos e/ou textualizados, tornam-se documentos apreciados pelo seu potencial para a compreensão do pretérito.

Viñao (2000) chama a atenção para a criação, cada vez com mais insistência, de um espaço para a subjetividade na história da educação. Não se trata de um deslocamento isolado para o subjetivo, mas do resultado de mudanças em diferentes instâncias historiográficas e educativas. Na história, o interesse pelo pessoal está presente na história social, cultural e literária e na história da educação, as décadas mais recentes vêm conferindo atenção ao currículo vivido, às práticas e culturas escolares, às reformas educativas em sua aplicação prática e à profissão e às práticas docentes. Ainda segundo o autor, as mudanças nas perspectivas da história conduziram ao interesse pelos documentos autorreferenciais.

No campo da História da Educação Matemática¹, contemplamos o estudo de experiências, escolares ou não, ligadas a processos de ensino e aprendizagem de conhecimentos matemáticos. Para isso, as contribuições de escritos literários e/ou autobiográficos têm sido consideradas por pesquisadores brasileiros; como exemplos de trabalhos nessa linha, podem ser lembrados Gomes (2008), Búrigo (2015) e Brito e Gonçalves (2015). No que diz respeito ao tema específico da formação de professores de Matemática ou que ensinam Matemática, papel de destaque vem sendo desempenhado por pesquisas que lançam mão da História Oral². Acreditamos que, assim como para o entendimento do passado dos processos de ensino e aprendizagem de conhecimentos matemáticos em geral, a investigação histórica, no caso da formação de professores, não pode se restringir à documentação representada por propostas pedagógicas e curriculares, legislação escolar, cadernos, livros e outros materiais didáticos. O ponto de vista de alunos e professores, apresentado em livros de memórias e autobiografias³ e depoimentos orais ou escritos, pode trazer aportes relevantes para as investigações.

¹ Concebemos, a exemplo de Miguel (2014, p. 29), a História da Educação Matemática como resultado de uma aproximação dialógica específica entre História, Educação e Matemática que toma “como objeto de investigação historiográfica todas as práticas educativas mobilizadoras de cultura matemática em quaisquer contextos de atividade humana, dentre eles, sobretudo, os contextos educativos escolares.”

² Remetemos os leitores interessados ao sítio do GHOEM-Grupo de História Oral e Educação Matemática (<http://www2.fc.unesp.br/ghoem/>), no qual estão disponíveis muitos relatos de pesquisa na forma de dissertações e teses sobre a temática da formação docente. Outra referência importante é Garnica (2014).

³ Há autores que diferenciam memórias e autobiografias, caracterizando as autobiografias como centradas no indivíduo que recorda e narra sua vida e as memórias como textos cujo foco principal reside no mundo exterior, nos acontecimentos e personagens lembrados. No entanto, preferimos adotar o ponto de vista de Viñao (2000) de que essa distinção é mais acadêmica do que conceitual, pois em geral há uma conjugação das duas dimensões nos escritos, e os títulos usam indiferentemente um ou outro termo. Nossa opção, portanto, é usar as duas palavras e seus adjetivos correspondentes de maneira indistinta.

Neste trabalho, dedicamo-nos às memórias de um professor de Matemática paulista, Carlos Galante (1920-2003), focalizando alguns aspectos de seu livro *Memórias* (GALANTE, 1997), cujo subtítulo é “Professor e Engenheiro, Como perder o medo da Matemática”.

2. Carlos Galante: breves informações biográficas e um livro de memórias

Carlos Galante nasceu no bairro do Brás, em São Paulo, no dia 27 de fevereiro de 1920. Formou-se em Matemática pela Universidade de São Paulo (USP), em 1944, e em Engenharia pela Escola Nacional de Engenharia, no Rio de Janeiro, em 1949. Exerceu o magistério por quase cinquenta anos em diversas instituições e foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santo André, onde foi um dos responsáveis pela estruturação inicial do curso de Matemática. Exerceu a engenharia na Prefeitura de Santo André, trabalhando no Departamento de Águas e Esgotos. Na administração municipal dessa cidade, ocupou vários cargos, tendo sido secretário de Obras e diretor do Departamento de Educação. Galante teve também grande destaque como autor de uma coleção de livros didáticos de Matemática destinados ao curso ginásial, publicados pela Editora do Brasil inicialmente em 1949, que tiveram um grande número de edições.

O professor Dirceu Douglas Salvetti, um dos colaboradores da pesquisa de Martins-Salandim (2012), ao ser entrevistado, no ano de 2009, sobre o curso de Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santo André, salientou o papel de Carlos Galante como um dos mentores desse curso, e enfatizou que “na época, a proposta do curso era uma revolução, era um curso de Matemática voltado para a indústria, que incluía computação e tudo o mais” (p. 133). O professor Alésio João de Caroli, entrevistado na mesma pesquisa juntamente com Salvetti, referiu-se aos livros didáticos do professor Galante:

O Galante tinha um livro de Matemática para o Ginásio, junto com o Osvaldo Marcondes dos Santos, era da Editora do Brasil. Foi anterior aos livros do Osvaldo Sangiorgi. O Sangiorgi ficou famoso depois e teve o Scipione também. Antes do Galante, que eu me lembro, havia livros de Matemática para o Colégio e para o Ginásio de autores cariocas como o Mello e Souza, que é o Malba Tahan...(MARTINS-SALANDIM, 2012, p. 134).

O professor de Caroli enfatizou que o curso de Matemática estabelecido em Santo André em 1966 resultou de uma discussão coletiva, mas ressaltou que “quem teve muita influência nesse curso foi o Galante, foi o pioneiro, foi quem criou o curso, quem convidou o pessoal, colegas e os levou para lá” (Idem, p. 134). Ele também declarou que Galante foi professor de Programação de Computadores, e que seu papel foi fundamental para que o curso de Santo André pudesse ser totalmente inovador, incorporando o computador ao ensino

superior de Matemática ainda na década de 1960. De acordo com de Caroli, o problema de adquirir um computador, difícil de ser resolvido devido aos altos custos, foi solucionado por Carlos Galante, que, como engenheiro da prefeitura da cidade, solicitou a compra pela administração municipal, para instalação na Fundação que mantinha o curso. Em troca, essa Fundação usaria o computador no atendimento das demandas da prefeitura (MARTINS-SALANDIM, 2012, p. 138).

Em sua entrevista a Martins-Salandim, Alésio de Caroli também se referiu ao fato de Carlos Galante ter escrito um livro de memórias depois que se aposentou. Esse livro, objeto deste estudo, foi publicado pela mesma editora dos livros didáticos do autor, a Editora do Brasil, em 1997. Trata-se de uma obra de 126 páginas e composta por um prefácio e 22 capítulos, fartamente ilustrada por fotografias e imagens variadas, que incluem convites e recortes de jornais escolares de escolas em que o autor estudou ou trabalhou. Galante narra muitos episódios de sua vida, e, ainda que narre cenas de seu ambiente familiar e estudantil e fale de lembranças sobre pais, irmãos e infância no bairro do Brás, a tônica das memórias incide predominantemente em sua diversificada atuação profissional como professor e engenheiro. Na impossibilidade de focalizar aqui todos os aspectos que podem interessar a uma pesquisa na temática da história da formação e atuação de professores de Matemática no Brasil, neste trabalho abordamos somente alguns aspectos da formação familiar e escolar do autor. Antes, porém, cabem algumas considerações de ordem teórico-metodológica acerca do uso de fontes autobiográficas.

3. Parâmetros teórico-metodológicos

Viñao (2000), ao considerar os escritos autobiográficos como fonte histórica fecunda, alerta para alguns cuidados especiais. O pesquisador chama a atenção, por exemplo, para as diferenças de estilo entre os autores, que podem escrever de maneira simples ou afetada, limitar-se às descrições, atingir ou não a beleza literária; é relevante captar essas características para a melhor compreensão do texto ou de seu escritor. Outro elemento primordial é que o intérprete se informe sobre contextos, acontecimentos e pessoas mencionadas nas obras, bem como que conheça as intenções ou propósitos motivadores da escrita das memórias. Ainda segundo Viñao, tais intenções ou propósitos associam-se a tipos diferentes de autobiografias. Há as intimistas, justificativas, vingativas, e também aquelas que são o simples resultado de um desejo ou necessidade pessoal de escrever da parte do autor. Ademais, existem memórias que, por iniciativa própria ou alheia, foram escritas

expressamente visando à publicação, e há memórias redigidas apenas para a pessoa que as escreve ou destinadas a um círculo restrito de leitores.

Incluem-se, entre os cuidados recomendados por Viñao, o de recorrer também a outras fontes. Não se trata de fazer isso em busca da “verdade”: como Gomes (2004), acreditamos que nenhum tipo de documento retrata por si só o que “verdadeiramente” se passou. Uma narrativa relata o que ocorreu no passado, mas não é a única possibilidade de se fazer isso, já que o acontecido pode ser narrado em múltiplas versões. Entretanto, se a opção pelo uso de escritos autobiográficos se caracteriza pela valorização da subjetividade, é preciso observar que narrativas autobiográficas não nos relatam “o que houve”, mas aquilo que, num tempo posterior ao narrado, o autor diz que vivenciou. Porém, devido à impressão de veracidade que essas narrativas oferecem, torna-se fundamental que o pesquisador se conscientize dela e adote uma postura crítica em relação aos testemunhos, não para duvidar do que eles dizem, mas para não apreendê-los como expressão do que “realmente” aconteceu, assim como se recomenda que se proceda quanto a outros documentos. Na visão de Bruner (1991), qualquer narrativa é uma versão da realidade aceita ou não a partir de convenções e “necessidade narrativa”, e não devido a seu embasamento empírico ou lógico. Mesmo assim, ironicamente, de acordo com o autor, é inegável nossa tendência para qualificar as narrativas como falsas ou verdadeiras. Bruner (2014) também contribui para nossa compreensão quanto às narrativas autorreferenciais quando reflete sobre a construção de si, ressaltando-a como apoiada na memória seletiva para um ajuste do passado às demandas do presente e do futuro que cada autor projeta, e lembrando que qualquer autobiografia é apenas uma versão elaborada de modo a se alcançar coerência. Como outros pesquisadores, Larrosa (2004) sublinha a existência de instâncias e relações de poder que repercutem na forma, nos contextos e nos fins relativos à composição das narrativas, o que torna imprescindível considerar os lugares sociais e institucionais em que os relatos autorreferenciais são produzidos, reproduzidos, mediados, avaliados e utilizados.

Para concluir estas breves considerações teórico-metodológicas, focalizamos a dimensão subjetiva, parcial e situada de qualquer escuta ou leitura das narrativas autobiográficas. A recepção de um texto vincula-se à capacidade de acolhimento, definida simultaneamente por abertura e limitações em relação a um horizonte de mundo, como nos diz Ricoeur (2010). As vivências e escolhas socioculturais de cada pesquisador repercutem, sem dúvida, nas interpretações de um mesmo escrito, e, assim, a escolha de narrativas

autobiográficas e seu uso em uma investigação diferirão de leitor para leitor segundo as particularidades de cada um.

4. Formação familiar e escolar nas memórias de Carlos Galante

No Prefácio de seu livro de memórias, Carlos Galante salienta que sua vida não é “extraordinária”, mas teve “seus lances interessantes”, principalmente em razão de sua origem simples, “o que exigiu muito esforço e dedicação para a conquista dos patamares alcançados” (GALANTE, 1997, p. 9).

O primeiro capítulo, dedicado a sua infância e família, intitula-se “O Brás que conheci”, e nele são descritos os pais do autor, imigrantes italianos que chegaram ao Brasil em torno de 1900 e se estabeleceram nesse bairro de São Paulo, onde criaram seus filhos. O pai de Galante era um comerciante de queijo e manteiga adquiridos em Minas, que viajava frequentemente para o interior no exercício de sua atividade. No sobrado em que o autor nasceu, o andar inferior era ocupado pela casa comercial do chefe da família, falecido precocemente, aos 44 anos, quando Carlos, o caçula de seis irmãos, tinha apenas cinco anos. Da mãe, Galante ressalta a grande dedicação ao lar, ilustra-a dizendo que era tudo “feito em casa: o pão, o sabão, a lingüiça e o macarrão” (p. 11). A mãe não tinha nem auxiliares domésticas nem aparelhos que facilitassem suas tarefas, e trabalhava do início do dia até tarde da noite. Após a morte do pai, os irmãos mais velhos de Galante transformaram sua loja num estabelecimento de “secos e molhados”, conforme a linguagem da época.

Nesse capítulo, é feita uma descrição bastante minuciosa do Brás, com menções à geografia do bairro e a seus meios de transporte, com destaque para o bonde, bem como às lojas, aos cinemas, teatros e restaurantes. Com quase 80 anos quando escreveu seu livro, o memorialista ainda guardava os nomes desses últimos, assim como os dos moradores da região.

Ainda em relação ao bairro em que nasceu, percebe-se que o autor procurou registrar de maneira viva seus costumes, comparando-os aos do momento em que escrevia. Ademais, Carlos Galante explicita o orgulho compartilhado pelos que viveram no Brás, sublinhando que “não obstante fosse um bairro de gente humilde, de lá saíram nomes ilustres em vários ramos de atividade” (p. 15). Enumera, então, os nomes de professores, cientistas, engenheiros, médicos e autoridades políticas com essa origem.

O capítulo “Aluno do Velho e Tradicional Ginásio do Estado”, volta-se para a vida escolar do memorialista, que faz somente uma menção aos seus estudos primários em toda a obra. Ele conta que, quando, aos sete anos, dois anos depois que seu pai faleceu, iniciou o primeiro ano do Grupo Escolar, era vestido todo de preto por sua mãe, porque, na época, o luto era conservado rigorosamente por muito tempo. Galante faz sobressair a situação econômica desfavorável de sua família, pela morte do pai, e comenta que não teria conseguido cursar o ensino superior sem o incentivo de um senhor nomeado doutor Fausto Macedo, que era proprietário de um “Curso de Admissão ao Ginásio do Estado” (p. 17) nas proximidades da residência da família. Nesse contexto, o autor acentua que em sua família “mal se sabia da existência de um ginásio” (p. 17), já que seu irmão mais velho, que havia cursado a Escola de Comércio, como era comum entre as famílias italianas do Brás, estava sempre viajando a trabalho, e sua mãe, além de viver dificuldades financeiras, não poderia orientá-lo, “pois, apesar de inteligente, nunca havia frequentado uma escola⁴” (Idem). Galante considera que era uma pretensão muito grande a de ingressar no Ginásio do Estado, única escola secundária oficial gratuita da cidade de São Paulo, devido às dificuldades das provas aplicadas por professores “considerados verdadeiros carrascos” e ao número enorme de candidatos por vaga, mais de vinte (Ibidem).

Entretanto, “com muito esforço e um pouco de sorte” (p. 17), Carlos conseguiu ser aprovado e ingressou no ginásio em 1933. Ele enfatiza que foi colocado numa turma, o 1º Ano B, na qual não estavam os que haviam obtido as melhores notas nas provas de acesso. Porém, o autor foi reprovado nesse primeiro ano, e avalia, ao recordar, que suas muitas dificuldades advieram da falta de orientação por parte de sua família. A partir da repetição do 1º ano, Galante não registra outros problemas graves nos estudos, e relata ter terminado o ginásio em 1938. Parece-nos importante a reflexão do autor ao ponderar sobre seu próprio desempenho, justificando-o pelas circunstâncias de não ser somente um estudante e ter precisado contribuir para o orçamento familiar: “Nunca passei de um aluno médio, pois, além de estudar, trabalhava na casa comercial de meus irmãos” (Idem).

O capítulo traz lembranças do autor quanto aos livros usados na época no Ginásio do Estado, de origem francesa, salientando a quase inexistência de obras didáticas brasileiras naqueles anos. Outro aspecto destacado é a dificuldade de aquisição de livros. Galante os

⁴ O memorialista conta que sua mãe lhe dizia que, na aldeia na Itália de onde viera, as mulheres não podiam ir à escola, porque os pais eram os responsáveis pelos arranjos de casamento e procuravam impedir que suas filhas aprendessem a escrever para evitar que enviassem bilhetes para os rapazes.

comprava na Livraria Francesa, sediada na Praça da Sé; chega a dizer que ao conseguir comprar um livro, para os estudantes era como se tivessem “ganho uma joia preciosa” (p. 18). A carência de livros era suprida, em parte, por idas à biblioteca da escola ou à municipal.

Galante narra que conservou um recorte do Diário Oficial do Estado, de dezembro de 1938, no qual são informados os resultados dos alunos de sua escola por ordem de classificação na turma, e explicita que no seu último ano, sua média foi 56, abaixo da obtida pelos primeiros lugares, que foi 62.

As páginas desse segundo capítulo enumeram e descrevem professores do memorialista no ginásio, de modo geral qualificados como muito exigentes, respeitados e temidos pelos alunos. Galante informa que eram docentes também nas poucas escolas de ensino superior existentes em São Paulo nos anos 1930. Muitos docentes (todos homens) são contemplados nas lembranças do autor, que discorre sobre eles, suas características e práticas de sala de aula, e, em alguns casos, faz sobressair suas relações, como aluno, com as disciplinas ensinadas por esses professores.

Considerando a carreira profissional do autor e nossas limitações de espaço, focalizamos, aqui, apenas os professores de Matemática do ponto de vista das lembranças registradas no livro. São três docentes: Cândido Gonçalves Gomide, Cruz e Antônio Aguiar. O primeiro é retratado com destaque para “sua capacidade, bondade e pureza de alma” e para seu conhecimento não só de Matemática como de outras disciplinas, mas também para suas deficiências didáticas: “faltava-lhe método para expor a matéria, de modo que suas aulas se tornavam difíceis e cansativas” (p. 18). No entanto, o ex-aluno reconhece o esforço desse professor e sua boa vontade para esclarecer as dúvidas dos alunos, nas aulas, nos intervalos e mesmo em sua própria residência. É notória a admiração de Galante por Gomide, seu colega posteriormente, quando ele mesmo lecionava no Ginásio do Estado.

A segunda figura de professor de Matemática presente na obra é a do professor Cruz, cujo nome completo não é mencionado e que, diferentemente de Gomide, é apresentado como causador de pavor nos alunos devido a seu rigor e exigência. O memorialista sublinha essas características dizendo que esse docente era realmente uma “cruz” pesada carregada pelos estudantes. Sua prática é descrita como a de seguir “ao pé da letra” o livro de Charles

Comberousse⁵, tendo o hábito de chamar os estudantes para demonstrar teoremas de geometria no quadro-negro. Como os alunos não tinham, em geral, condições de comprar a obra, precisavam consultá-la na biblioteca da escola. O autor comenta que, devido a essa necessidade, acostumou-se, desde menino, a estudar em livros franceses. Aluno de Cruz na segunda vez em que cursou a primeira série, relata ter sido o único a conseguir aprovação em primeira época, ainda que com a nota mínima. O rigor desse professor, segundo Galante, espantava muitos alunos, que migravam para escolas particulares.

O terceiro professor de Matemática citado nas memórias, Antônio Aguiar, lecionou para o leitor no quinto ano e, num único parágrafo, é caracterizado como um jovem entusiasta com talento didático e, embora exigente, como capaz de “dar oportunidade para os alunos se recuperarem e superar as dificuldades” (p. 19).

Lembranças de Carlos Galante concernem ainda à disciplina rigorosa do Ginásio do Estado: os alunos deveriam se levantar quando o professor entrasse em sala de aula, e havia bedéis, funcionários que se sentavam num canto para controlar a presença e o comportamento dos estudantes. Os bedéis assistiam a todas as aulas e alguns se instruíam e eventualmente auxiliavam os alunos nos estudos na época de provas.

Na sequência das memórias, o autor relata que, tendo trabalhado no comércio mantido no Brás por seus irmãos durante os seis anos passados no ginásio, sua situação se modificou em 1938, com o fechamento do estabelecimento fundado pelo pai devido aos prejuízos. Galante, com o ginásio completo, podia tentar realizar seu projeto de graduar-se como engenheiro, já que estava habilitado a prestar concurso no ensino superior segundo a legislação da época. Contudo, precisava continuar a trabalhar e o fez exercendo um cargo de escriturário na loja da empresa Singer de máquinas de costura localizada no Brás. Posteriormente transferido para a loja de Vila Mariana, matriculou-se num curso preparatório para o ingresso ao ensino superior, o Pré-Engenharia Oswaldo Cruz. Em virtude do trabalho, tinha de, depois do expediente, tomar rapidamente um ônibus para assistir as aulas e de, muitas vezes, como responsável pelo caixa, retornar à loja depois das 23 horas. No dia seguinte, estava de volta ao trabalho pontualmente às 8 horas. Galante acentua os esforços realizados até a conclusão do Pré-Engenharia, em dezembro de 1941, quando se inscreveu no vestibular de Matemática da Universidade de São Paulo e pediu demissão da Singer.

⁵ Charles Comberousse (1826-1897) escreveu diversos manuais para o ensino da Matemática, além de outras obras. Foi professor no Liceu Chaptal, em Paris, de 1854 a 1883. Informações disponíveis no site da Biblioteca Nacional da França. http://data.bnf.fr/11897420/charles_de_comberousse/. Acesso em 26 mar 2016.

Há poucas linhas das memórias sobre esse curso pré-universitário. Nelas, os professores são elogiados e o autor salienta que a turma “muito pequena, com pouco mais de meia dúzia de alunos, tornava o aproveitamento bem melhor” (p. 25). O professor de Matemática se chamava João Breves e, segundo Galante, “deu toda a parte de limites, derivadas, funções, álgebra superior e teoria dos conjuntos com uma clareza espetacular” (Idem). A admiração por Breves é tão grande que, mais de cinquenta anos depois, seu ex-aluno ainda diz que guardava apontamentos de suas aulas.

Em 1942, o memorialista ingressou na Faculdade de Filosofia da USP, no curso de Bacharelado de Matemática, com duração de três anos. As recordações sobre esse período, encerrado com a formatura, em 1944, em uma turma na qual se graduaram somente oito alunos, figuram no capítulo denominado “Cursando Matemática na USP”. Na impossibilidade de tratar dessa parte neste trabalho, passamos a nossa última seção.

5. Considerações finais

Retomemos alguns aspectos das memórias de Carlos Galante à luz de nossos parâmetros teórico-metodológicos. Podemos, então, procurar analisar as intenções do autor ao escrever suas memórias e refletir sobre suas escolhas para isso. Ele próprio nos diz, no Prefácio (p. 9), que desejou “assinalar a experiência acumulada ao longo de quase cinquenta anos de magistério” e registrar a marca deixada por alguns de seus antigos professores, “que merecem ser lembrados por seu comportamento, atitude e honestidade”. Como comentamos, o memorialista também alude, nesse texto, a um balanço de sua vida, que ele não considerava extraordinária, mas portadora de passagens interessantes, sobretudo devido a sua origem humilde. Na leitura das memórias, percebemos que o autor faz frequentes menções aos esforços que realizou para se tornar o que foi: um professor, engenheiro e autor de livros didáticos de sucesso. Galante assinala, como vimos, que seus pais e irmãos não tiveram oportunidade de estudar, e que ele mesmo, para realizar dois cursos superiores numa época em que somente uma pequena parcela da população brasileira fazia estudos além da escola primária, teve a necessidade de trabalhar simultaneamente aos estudos. Ele conta sobre as provas que precisou realizar para ingressar no curso ginásial, que constituíam o Exame de Admissão. Na época, o Exame de Admissão⁶, instituído em 1931, a partir da Reforma

⁶ Além de ter pelo menos 11 anos de idade, o candidato ao primeiro ano do ginásio, segundo a legislação, deveria ser aprovado no Exame com classificação suficiente e era necessário, para ele, apresentar um requerimento e pagar uma taxa. O Exame só poderia ser prestado em uma escola, aquela em que o candidato pretendesse se matricular, e era constituído por provas escritas de Português e Aritmética, e orais dessas mesmas

Francisco Campos, constituía a forma de ingresso no ensino secundário, organizado, depois dessa reforma, em dois ciclos: curso ginásial, com cinco anos de duração, e curso complementar, de dois anos, necessário para a entrada no ensino superior e geralmente realizado em salas anexas às escolas que o ofereciam (ABREU; MINHOTO, 2012).

Outro ponto interessante é que o autor publicou um livro ricamente documentado, o que nos indica que talvez sua intenção, ao guardar tantos papéis, não fosse somente compor um arquivo de sua vida, mas também aproveitá-los para escrever memórias. O texto da orelha da obra dá indícios de que a oportunidade de publicá-las está ligada ao fato de ter sido um autor de muito sucesso na Editora do Brasil. De fato, afirma-se que a publicação da obra é uma exceção aberta por uma editora especializada em livros didáticos e paradidáticos visando homenagear um mestre e, junto a ele, milhões de professores.

Finalmente, é oportuno comentar que o espaço dedicado por Galante a seus professores reflete seu reconhecimento a eles. Tratando aqui de trechos referentes aos docentes de Matemática do autor no período que antecedeu sua formação no ensino superior, pudemos perceber sentimentos diferentes de admiração, respeito, temor e crítica, mesmo quanto àqueles mais estimados. Acreditamos que a convivência com esses professores foi um componente importante na formação do futuro professor de Matemática Carlos Galante.

As lembranças de alunos construídas em livros de memórias nos possibilitam, no caso da obra aqui estudada e de outras, materiais indispensáveis para a compreensão da história da formação e atuação de professores de Matemática no Brasil.

6. Referências

ABREU, G. S. A. de; MINHOTO, M. A. P. Política de admissão ao ginásio (1931-1945): conteúdos e forma revelam segmentação do primário. Campinas, *Revista HISTEDBR On-line*, n. 46, p. 107-118, 2012.

BRITO, A. de J.; OLIVEIRA, A. G. Desfiar e fiar a Aritmética da Boneca Emília: práticas no ensino de matemática na obra de Monteiro Lobato. Campinas, *Zetetiké*, v. 23, n. 43, p. 95-132, 2015.

BRUNER, J. *Fabricando histórias: direito, literatura, vida*. Tradução de Fernando Cássio. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

BRUNER, J. The narrative construction of reality. *Critical Inquiry*, v. 18, n. 1, p. 1-21, 1991. Tradução de Waldemar Ferreira Neto. Disponível em

disciplinas e de Geografia, História do Brasil e Ciências Naturais. O Exame era um ritual de passagem entre os estudos primários e secundários e seus programas e regras eram determinados pelo Departamento Nacional de Ensino (ABREU, MINHOTO, 2012).

<http://worldroom.tamu.edu/Workshops/CommOfRespect07/StoryTelling/The%20Narrative%20Construction%20of%20Reality.pdf>. Acesso em 25 mar 2016.

BÚRIGO, E. Z. Marcel Proust e as reminiscências de um mau aluno. Campinas, *Zetetiké*, v. 23, n. 43, p. 133-154, 2015.

GARNICA, A. V. M (Org.). *Cartografias Contemporâneas: Mapeando a Formação de Professores de Matemática no Brasil*. 1ed. Curitiba: Appris, 2014.

GARNICA, A. V. M. O pulo do sapo: narrativas, história oral, insubordinação e educação matemática. In: D'AMBROSIO, B. S. & LOPES, C. A. E. *Vertentes da subversão na produção científica em Educação Matemática*. Campinas: Mercado de Letras, 2015, p. 181-206.

GOMES, A. C. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro. (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004, p.7-24.

GOMES, M. L. M. Potencialidades da literatura como fonte para a História da Educação Matemática: a obra de Pedro Nava. Rio Claro, *Bolema*, v. 21, p. 89-110, 2008.

LARROSA, J. Notas sobre narrativa e identidad (A modo de presentación). In: ABRAHÃO, M. H. M. B (org.). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 11-22.

MARTINS-SALANDIM, M. E. *A interiorização dos cursos de Matemática no estado de São Paulo: um exame da década de 1960*. 2012. 379 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

MIGUEL, A. O que dizem os estudos já elaborados sobre a emergência da história da educação matemática no Brasil? In: VALENTE, W. R. (Org.) *História da educação Matemática no Brasil: problemáticas de pesquisa, fontes, referências teórico-metodológicas e histórias elaboradas*. São Paulo: Livraria Editora da Física, 2014, p. 30-45.

PESAVENTO, S. J. *História & História Cultural*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. v.1. A intriga e a narrativa histórica. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

VIÑAO, A. Las autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos. Rio de Janeiro, *Teias: Revista da Faculdade de Educação da UERJ*, n.1, p.82-97, 2000.